

CIDADE NEGRA

Gradativamente, muito mais lentamente do que deveria ou seria desejável, a velha Franca do Imperador vai resgatando a contribuição que os negros deram para ela se constituir no que é hoje. Após a desapareição do banco da Praça 9 de Julho onde estava escrito “Dos homens de cor à cidade de Franca”, numa daquelas “deformas” nas quais nossos prefeitos e seus assessores são mestres por conta de sua ignorância do que seja a boa arquitetura e urbanismo, há sinais novos nas ruas. Do apagamento do período da escravidão às iniciativas atuais, que incluem a divulgação da Rota do Afroturismo, projeto elaborado por equipe da UNESP passando pelas ações afirmativas do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (COMDECON). e do SESC no campo da cultura e da preservação da memória histórica, vemos também a colocação de obras de arte em praças públicas e outras ações que ressaltam a presença de figuras negras importantes do país em nossa cidade, como da escritora Carolina de Jesus que viveu aqui e trabalhou como doméstica, a do francano Abdias Nascimento e do poeta Carlos de Assumpção. Tudo isso é essencial para que o racismo seja eliminado de vez em nossa sociedade tão desigual.

Já “Cidade Negra” é uma banda de reggae que gostava muito de ouvir em suas formações dos anos 1990, com a participação do cantor e ator Toni Garrido. Lembro do hilariante campeonato de futebol exibido pela MTV, o RockGol, com os times de várias bandas como Skank, Paralamas, Barão Vermelho, Raimundos, se digladiando em campo sob o apito do comentarista e narrador dublê de “juiz” Silvio Luiz. As pelejas em ritmo de ópera bufa eram comentadas pelos incríveis “Sobrinhos do Ataíde” que se esbaldavam e nos faziam rir do baixo nível técnico dos jogadores e suas jogadas engraçadas. Na época, Toni Garrido estava em alta por seu papel como Orfeu no bom filme do mesmo nome e um dos músicos que jogava em seu time do Cidade Negra era parecido, usava as mesmas tranças mas era feio e desengonçado, os “Sobrinhos” passaram a chamá-lo de Orfeio. Havia ainda o Papito, Bárbaro Visigodo, Lenhador e quando não lembravam o nome, chamavam simplesmente de “Nando”, tinha vários.

Enfim, voltemos à cidade negra. Lembro que nos anos 1980, quando era dirigente do Sindicato dos Arquitetos, convidei Atalie para dar um curso sobre “A cor na arquitetura” para jovens arquitetos, foi um sucesso. Desconfio que os arquitetos atuais não estudaram o tema com afinco. Uma amiga havia chamado a atenção para esse fenômeno: a ausência de cores primárias ou qualquer cor que seja mais “chiliquenta”, como diriam os Sobrinhos do Ataíde nas novas construções. Além da padronização tipológica da arquitetura das edificações térreas e sobradinhos pela cidade, especialmente nos condomínios que se esparramaram por todo lado, não há diferenciação por cor. O fenômeno está se tornando mais agudo agora, com a pintura dos prédios de preto, uma “modinha” que tomou conta da cidade em plena crise climática, o oposto daquelas belas cidades na região do Mediterrâneo com suas casinhas brancas escorrendo pelos morros.

Fiz o teste. Fui caminhar pelo Jardim Ângela Rosa nas proximidades do Clube SESI. Além do prefeito ter usado os recursos da privatização do saneamento em petróleo para recapear ruas do bairro, já são dezenas de prédios da região pintados de preto num país tropical com forte luminosidade e altas temperaturas. Até mesmo uma loja de tintas entrou na onda. O negacionismo do prefeito em relação ao clima se reflete na cidade, está se estendendo a outras áreas e o preço que todos pagaremos não será barato. Logo Franca se tornará uma “cidade negra”, porém distópica, não a que gostaríamos de ver.

Mauro Ferreira é arquiteto